

O “percurso do reconhecimento” nos estudos da comunicação

The course of recognition in communication studies

LAAN MENDES DE BARROS^a

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Bauru – SP, Brasil

RESUMO

O deslocamento “dos meios às mediações”, proposto por Martín-Barbero, na formação de um comunicador comunicólogo e seu percurso de reconhecimento são tratados neste artigo a partir das reflexões de Paul Ricoeur sobre o “percurso do reconhecimento” e sobre as questões de identidade, ipseidade e alteridade, na compreensão de “si-mesmo como outro”. Traz autorreflexões sobre o percurso intelectual do autor e seu reconhecimento como comunicólogo, discute os estudos de comunicação no contexto de midiatização da sociedade e investe nas articulações entre comunicação e experiência estética, para “socializar o sensível” e “sensibilizar o social”, nas palavras de Herman Parret, como “estratégias sensíveis”, na linha do que propõe Muniz Sodré.

Palavras-chave: Mediações, midiatização, percurso do reconhecimento, comunicação, experiência estética

ABSTRACT

The displacement “from the media to mediations”, proposed by Martín-Barbero, in the formation of a communicologist communicator and his path of recognition, based on Paul Ricoeur’s reflections on the “course of recognition” and on the questions of identity, ipseity and otherness, in the comprehension of “oneself as another”. Self-reflections on this intellectual course and on this recognition as a communicologist. Communication studies in the context of mediatization of society, and articulations between communication and aesthetic experience, “socializing the sensible” and “sensibilizing the social”, as said by Herman Parret, and as “sensitive strategies”, in the words of Muniz Sodré.

Keywords: Mediations, mediatization, course of recognition, communication, aesthetic experience

^a Professor e pesquisador da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (FAAC-Unesp). Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Université Stendhal – Grenoble 3, na França. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2429-9716>. E-mail: laan.m.barros@unesp.br

*Y así nos reconocemos
 Por el lejano mirar
 Por la copla que mordemos
 Semilla de inmensidad
 Atahualpa Yupanqui*

RECONHECIMENTO. MAIS QUE uma etapa de estudos da comunicação e de construção de conhecimentos, a minha estada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM-ECA/USP) representou para mim a abertura para um percurso do reconhecimento, no termo que alguns anos mais tarde eu viria a conhecer pela leitura da obra de Paul Ricœur. E essa ideia de reconhecimento pode ser aplicada à própria concepção da comunicação quando tomada como fenômeno interacional, na qual sujeitos de ação se encontram em interlocução, consensos e dissensos. Em especial, ao observar que a sociedade atual está em um processo cada vez mais intenso de midiaticização, conforme problematizam Braga (2006) e Hjarvard (2014), ao analisarem as mudanças sociais e culturais de nossos tempos, constatei que a construção do conhecimento implica dinâmicas de reconhecimento por parte desses sujeitos em seus processos de interação comunicacional.

Naqueles primeiros anos da década de 1990, durante o meu doutorado no PPGCOM da ECA, as leituras propostas pela professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes me levaram ao deslocamento “dos meios às mediações”, conforme propunha Jesús Martín-Barbero (1987) ao identificar e definir as “mediações culturais da comunicação”. Trata-se de uma concepção teórico-epistemológica que se desdobrou em vários mapas e, até mesmo, em uma segunda formulação: das “mediações comunicacionais da cultura” (Martín-Barbero, 2004), que se soma à primeira. As aulas de História das Teorias da Comunicação, com o saudoso professor João Aloísio Lopes, fizeram com que eu me reconhecesse não mais apenas como um comunicador, mas também como comunicólogo. Os questionamentos apresentados pela professora Cremilda Medina me desafiaram a pensar a comunicação desde uma perspectiva plural e dialética, interdisciplinar. Os encontros com a também saudosa professora Jerusa da Pires Ferreira reforçaram em mim as conexões que eu já ensaiava entre comunicação e cultura popular, literatura, música e artes em geral. Os diálogos com os professores Ismar de Oliveira Soares, Mauro Wilton de Souza, Adilson Odair Citelli e com a saudosa professora Elza Dias Pacheco renovaram o meu interesse nos estudos de recepção e meu compromisso com a educação, que eu já trazia de meu mestrado, realizado sob orientação do professor Luiz Roberto Alves, ainda na

Metodista. Foram vários os docentes com os quais convivi naquele período e muitos colegas de sala de aula, alguns com os quais mantenho interlocução até hoje e que me servem de referência e leitura.

Reconheço que o PPGCOM da ECA-USP é uma matriz para a minha formação, como o é para muita gente. É um lugar onde pude construir conhecimentos e as bases para que eu pudesse desenhar o meu percurso de reconhecimento como um comunicólogo interessado em articular comunicação e experiência estética (Barros, 2014a), bem como a pensar a “comunicação sem anestesia” (Barros, 2017), como mais tarde eu pude elaborar e nos últimos anos busco fundamentar em articulações entre comunicação, estética e política.

Eu já vinha trabalhando com a disciplina Teorias da Comunicação quando ingressei no PPGCOM da ECA-USP. Mas foi a partir do período de doutorado que eu pude compreender de maneira mais densa, ampla e complexa quais são as delimitações do nosso campo de estudos e as especificidades, sempre transitórias, de nossos objetos de estudo. As vivências e convivências com docentes e colegas com os quais eu pude compartilhar o dia a dia da sala de aula me levaram a construir, durante aqueles anos e ao longo de minha já longa carreira docente, a consciência de que o processo de reconhecimento é algo contínuo que demanda uma constante redescoberta de si mesmo. Assim, aquela experiência de estudo, vivida entre 1989 e 1994, segue bem presente em meu percurso profissional, que sempre se renova, dada a oportunidade que tenho de conhecer e conviver com novos estudantes a cada novo período letivo, dada a diversidade e constante atualização de temáticas de pesquisa que tenho orientado.

Ao relembrar a minha passagem pelo PPGCOM da ECA-USP – programa que completa 50 anos de existência, com formação de tantos quadros –, reconheço a sua importância na construção do pensamento comunicacional brasileiro. Ao narrar aqui um pouco dessa história, eu destaco duas de minhas bases teórico-epistemológicas, advindas de leituras de Jesús Martín-Barbero e de Paul Ricœur, com breves articulações com outros autores e diálogos com pesquisadores e pesquisadoras que têm se ocupado das ideias de ambos, que me servem de contraponto para problematizações e questionamentos sobre nosso campo de estudos. Ao narrar minhas leituras, de certa forma, eu me narro e me reconheço, como nos propõe Paul Ricœur ao debater a ideia do ver e do dizer, do narrar e se reconhecer.

DA MEDIAÇÃO ÀS MEDIAÇÕES, “DO TEXTO À AÇÃO”

O deslocamento epistemológico proposto por Martín-Barbero (1987) trouxe novas perspectivas para a compreensão dos estudos no campo da Comunicação,

que acabaram por fortalecer minha – nossa – identidade latino-americana. Provocou, também, um incômodo, um salutar arredamento de nossas zonas de conforto, obrigando-nos a superar a linearidade da crítica mais fatalista em relação à “indústria cultural” e a superficialidade da visão instrumental funcionalista, de forma que pudéssemos apostar nas possibilidades de emancipação do espectador, como nos propõe Jacques Rancière (2012), algo que já estava nas bases do pensamento de Martín-Barbero, dada a sua aproximação às proposições pedagógicas libertárias de Paulo Freire.

Mais que um modelo de categorias estanques, as mediações mapeadas por Martín-Barbero se configuraram como chaves dinâmicas para o exame de fenômenos que estão em constante transformação, como aqueles com os quais nos ocupamos no campo da Comunicação. Assim, entendo que não cabe o uso do termo no singular, como rótulo e mera classificação. Não se trata de mediação isso ou mediação aquilo. São mediações culturais e comunicacionais que se retroalimentam e tensionam entre si. Devem ser pensadas “*de mediações em mediações*”, como sugere Girardi Júnior (2018) ao discutir a questão da tecnicidade nos mapas de Martín-Barbero. Quando se utiliza o termo no singular, fica prejudicada a ideia de deslocamento para as mediações; a ênfase permanece nos meios e é como se estivesse a falar *dos meios à mediação*, ou mesmo *da mediação à mediação*. As mediações estão para além dos meios, mesmo quando tomadas como “mediações comunicacionais da cultura” (Martín-Barbero, 2004)¹. Elas devem ser tomadas como dispositivos que modulam e matizam as interações comunicacionais e atuam nos processos de produção de sentido, seja no plano da poética da produção, seja no plano da “estética da recepção”, como formulam os pensadores da Escola de Konstanz.

Como bem identifica Maria Immacolata Lopes (2018, p. 51), “a cartografia barberiana diz respeito a um método estratégico-rizomático e as mediações devem ser vistas como dispositivos que se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização”. Seja na perspectiva das “mediações culturais da comunicação”, dos primeiros mapas, ou das “mediações comunicacionais da cultura”, que surgiram em etapas posteriores, já no contexto dos questionamentos sobre uma eventual volta das mediações aos meios, Martín-Barbero nos oferece uma estratégia consistente para pensar a comunicação e a cultura na sociedade midiaticizada. Se existem “mediações culturais da comunicação”, isto é, se a cultura modela, modula e tensiona os processos comunicacionais e está também presente no âmbito da produção de sentido das dinâmicas de produção e recepção midiática, por outro lado, é preciso reconhecer que existem “mediações comunicacionais da cultura”, pois a comunicação é componente estruturante da cultura contemporânea. E isso se dá não apenas no

¹ Aliás, aqui também a tradução das “mediaciones comunicacionales de la cultura”, propostas por Martín-Barbero (2004), como “mediações comunicativas da cultura”, na publicação brasileira de *Ofício de Cartógrafo*, compromete a compreensão do deslocamento proposto pelo pensador espanhol-colombiano. Não se trata de aparatos ou mecanismos que produzem comunicação, mas de estruturas e dispositivos que se dão no âmbito comunicacional.

plano da infraestrutura, mas também da superestrutura, como fica marcado na ideia de mediação da sociedade. Aliás, o segundo movimento da teoria de Martín-Barbero, das “mediações comunicacionais da cultura”, guarda certa sinonímia com a ideia de mediação da sociedade, de mediação da cultura. Como projeta Gislene Silva (2012), seria possível conciliar os conceitos de mediações e mediação a partir do conceito reformulado de “*bios midiático*”, de Muniz Sodré (2002).

A navegação pelos mapas de Martín-Barbero me levou, como a muitos, a estabelecer articulações com os estudos culturais da Nova Esquerda inglesa. Era necessário que nos aprofundássemos nas leituras de Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Palmer Thompson e Stuart Hall e de suas heranças gramscianas. Ana Carolina D. Escosteguy (2018) registra com detalhes essas afinidades entre os pensadores da Escola de Birmingham e as proposições de Martín-Barbero e outros autores latino-americanos. Dentre eles, destaco as classificações propostas por Guillermo Orozco Gómez (2005), a partir da cartografia desenhada por Martín-Barbero, que me ajudaram em exercícios de aplicação junto a estudantes de Comunicação. São elas: mediações tecnológicas, cognitivas, situacionais, referenciais e institucionais.

Ou seja, o paradigma das mediações que me foi apresentado no PPGCOM da ECA-USP, há quase 30 anos, ainda me serve de base teórico-epistemológica para minhas pesquisas, orientações e atividades docentes. Pensar a comunicação a partir da cultura, com base nos estudos culturais britânicos e latino-americanos (Lopes, 2014), é um exercício que me mobiliza e uma perspectiva na qual eu me reconheço, que integra o meu pensar-fazer comunicacional.

Porém, algo me chamou a atenção quando passei a estudar com mais atenção a obra de Martín-Barbero: o fato de ele ter sido aluno de Paul Ricœur, na França. Para além da sociologia da cultura dos culturalistas britânicos, pareceu-me necessário conhecer um pouco da vasta obra do pensador francês. Afinal, boa parte da teoria das mediações se aplica ao debate sobre os processos de interpretação dos discursos midiáticos e aos estudos sobre produção de sentidos desde a perspectiva da recepção. Além dos aportes de uma antropologia cultural, era preciso compreender algo da contribuição da hermenêutica à teoria das mediações – seja no que se refere à produção de sentido relacionada às perspectivas da produção e da recepção, seja nas questões relativas à identidade e alteridade – para compreender a fundo a ideia de mediações que vale ser articulada às reflexões hermenêuticas de Paul Ricœur, que têm muito a ver com o pensamento de Martín-Barbero. Aliás, o próprio deslocamento “dos meios às mediações”, que dá nome à sua obra paradigmática, se aproxima do desdobramento “do texto à ação” problematizado por Ricœur (1991), em obra assim intitulada. Quando a produção de sentidos

não fica limitada aos continentes da *poiesis*, dos produtos veiculados na mídia, mas se desdobra na experiência estética da percepção, no âmbito da *aisthesis*, nas dinâmicas da recepção, marcada por mediações culturais e comunicacionais, o texto se desdobra em ação, em experiência de reconhecimento e afirmação de sujeitos ativos na sociedade.

Quando o sujeito narra, ele se narra e, assim, constrói sua subjetividade, torna-se um autor, ou seja, mais que um espectador passivo. Quando a experiência estética se converte em experiência poética (Barros, 2019a) – em um continuum entre *poiesis* e *aisthesis* –, o sujeito constrói o reconhecimento de si e do outro, de “si-mesmo como outro” (Ricoeur, 2006). Os pesquisadores de educomunicação da ECA-USP, já nomeados no início deste texto, na esteira de Mario Kaplún, investiram em uma nova *práxis* da comunicação que implica dar voz – e acesso aos aparatos midiáticos – para que sujeitos muitas vezes silenciados pudessem narrar suas histórias, pudessem narrar-se e, assim, assumir a autoria de seu percurso do reconhecimento. E essa narrativa, marcada por temporalidades e territorialidades concretas, por um diversificado leque de mediações culturais, tem a potência do empoderamento. A identidade que se constrói com a narrativa, ou a “identidade narrativa”, como define Ricoeur (1988, 2010), pode ser pensada como lugar de articulação entre afeto e política, o que Rancière (2005) vai chamar de “partilha do sensível”.

E no caso de um educador, que se assume “mestre ignorante”, nos termos de Rancière (2015), uma vez mais, a possibilidade de emancipar espectadores e de formar comunicadores comunicólogos (Barros, 2014b), que articulem e tensionem o fazer e o pensar comunicacional, não deixa de ser um desafio e um compromisso.

Em tempos de discursos de ódio, cancelamento e desinformação, é preciso apostar e investir em uma *comunicação sem anestesia* que se afirme como experiência estética e possa, como nos propõe Parret (1997, p. 197), ao mesmo tempo, “socializar o sensível e sensibilizar o social”. Mas não cabe, é claro, trabalhar essas relações de maneira romântica e irênica. A partilha do sensível é feita de consensos e dissensos, harmonias e dissonâncias, negociações, resistências e assimilações. E ela se dá no contexto da cultura e da política. Ela se dá em relações de “transculturização”, como Octavio Ianni (2000, p. 107) define o resultado dos processos de conquista e dominação, ou mesmo de interdependência e acomodação. São partilhas que transformam a realidade, provocam mudanças na pólis. São partilhas que se dão no plano do comum, em sua pluralidade, e que nos permitem compreender a diversidade de outros com os quais se convive, não em busca de igualdade, mas de alteridade na diversidade. Para Muniz Sodré (2006, p. 69) “o comum é a sintonia sensível das singularidades, capaz de produzir uma similitude harmonizadora do diverso”.

PRODUÇÃO DE SENTIDO, IDENTIDADE E ALTERIDADE

A questão do reconhecimento tão cara para Ricœur, trazida em relevo neste texto, e suas articulações entre narrativa e tempo, entre identidade e alteridade, entre a potência do narrar e a potência do agir guardam proximidade com as fundamentações da teoria das mediações de Martín-Barbero.

Compreender as dimensões do reconhecimento propostos por Paul Ricœur em conferências realizadas em 2001 e 2002 em Viena e Friburgo, reunidas no livro *Percurso do Reconhecimento* (Ricœur, 2006), pode nos ajudar nestas articulações entre mediações, produção de sentido e reconhecimento. Para tanto, retomo aqui, de maneira resumida, um texto que intitulei de *O “Percurso do Reconhecimento” para Tempos de Ódio: Estesia e Produção de Sentidos em Paul Ricœur* (Barros, 2020). O livro de Ricœur traz três estudos. O primeiro fala do *reconhecimento como identificação*, do processo de identificação de algo ou alguém e de reconhecer “uma coisa considerada a mesma na diversidade de suas ocorrências”, como define Ricœur (2006, p. 116). Trata-se, como escrevi, de “identificar uma coisa como algo que já faz parte do repertório de quem reconhece, de identificar o outro como alguém já conhecido. Reconhecer, nessa angulação, é colocar novamente na mente, é reelaborar o que já foi uma vez elaborado mentalmente” (Barros, 2020, p. 191). No plano de um juízo prático, trata-se de distinguir, de reconhecer que um não é o outro, de um exercício de classificação, de seleção. Ricœur identifica essa dimensão do reconhecimento no plano da “mesmidade”, ou da “identidade *idem*”.

O segundo estudo traz a ideia do reconhecimento como *reconhecer-se a si mesmo*, como autoidentificação. “Nessa angulação o sujeito reconhece suas idiossincrasias e capacidades e nelas se reconhece como indivíduo. Nela o sujeito reconhece a sua identidade singular” (Barros, 2020, p. 191). Ricœur chama essa dimensão de identidade *ipse*, pois envolve o reconhecimento do sujeito, de seu Eu, e se fazer reconhecer. Nessa perspectiva, “o reconhecimento acontece na dialética entre ‘poder narrar e narrar-se’, numa identidade narrativa que coloca a identidade *idem* em relação dialética com a identidade *ipse*, do *eu sou*” (Barros, 2019b, p. 44). Nesta dimensão estão bem marcadas as relações entre tempo e discurso, que são trabalhadas por Ricœur (2010) em *Tempo e Narrativa*. No segundo capítulo de *Percurso do reconhecimento*, o reconhecimento é tratado como uma identidade móvel, considerada em sua temporalidade histórica e pela natureza mutável do ser em situação, em ação. O reconhecimento nesta dimensão tem a ver com o ser no tempo, numa expressão da *ipseidade*.

Ricœur completa o percurso com o *reconhecimento mútuo*, em um mais um tensionamento dialético, “agora entre identidade e alteridade, dimensão que ele já havia trabalhado em *O si mesmo como um outro*” (Barros, 2020, p. 192).

Esta perspectiva expressa o sentido primeiro da comunicação, presente na expressão *tornar comum* do verbo latino *communicare*. Trata-se “de reconhecer o outro e se reconhecer no outro, de reconhecer um Eu na diversidade do Outro, numa relação de reciprocidade e mutualidade, que implica o reconhecimento da igualdade de direitos entre os sujeitos de uma sociedade” (Barros, 2020, p. 192).

O meu percurso de reconhecimento, marcado de forma definidora pelo período de doutorado na ECA-USP, trouxe essa dimensão da alteridade intensa que me leva a me reconhecer como um ser que carrega em si muitos outros, como nos ensina Ricoeur no conjunto de sua obra. Outros com os quais convivo no tempo presente, próximos e distantes, que me afetam e me transformam e com os quais discuto e disputo tempos e espaços. Outros que trago do passado, que me antecederam – meus ancestrais, minhas raízes étnico-culturais, convivências que tive e leituras que fiz –, que estão em mim; muitos que me formaram e seguem me formando. Outros, ainda, que ainda hão de vir, mas já estão presentes em minhas expectativas em relação ao futuro, em meus compromissos com o amanhã.

A ideia de *reconhecimento mútuo*, trazida por Ricoeur, nos leva a nos reconhecermos como sujeitos diferentes, a nos reconhecermos em nossas constituições dissimétricas, a nos reconhecermos no outro. E essa dimensão do reconhecimento nos leva a romper com as lógicas do individualismo e a nos reconhecermos como parte do coletivo. Ela nos desafia a pensar e fazer comunicação na chave da interação, do diálogo e da dialética. E, assim, podemos *com-versar* e *co-laborar* e *com-viver*. Podemos falar *com* o outro e não *para* o outro, como retomamos logo adiante neste texto e na perspectiva do diálogo, como elabora Merleau-Ponty:

Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem em mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. (Merleau-Ponty, 1994, pp. 474-475)

Quando pensada na perspectiva do diálogo, a comunicação se dá entre sujeitos, em interlocução, e não em uma relação entre sujeito da ação e objeto que sofre a ação. Se assim nós nos reconhecemos, no contexto de nossas temporalidades e territorialidades, partilhamos sentidos e sensibilidades, como seres humanos sempre em transformação. Como afirma Lévinas (1993, p. 49), “a relação com o Outro me questiona, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas”.

Como escrevi em *O “Percurso do Reconhecimento” para Tempos de Ódio*, quando a comunicação é pensada na perspectiva da alteridade, “a produção de

sentidos se dá para além da mera exegese do que está contido nas mensagens. Ela se realiza no plano do reconhecimento, que surge nos exercícios da interpretação”. E a questão do entendimento “não se dá na perspectiva da explicação, mas da compreensão, pois implica a interpretação e a apropriação de sentidos que se revelam num processo de reconhecimento e diálogo entre sujeitos interlocutores” (Barros, 2020, p. 193). E, nesse sentido, de fato, a comunicação acontece, acontece comunicação.

Ao discutir as questões de identidade, em uma dialética entre o *idem* e o *ipse*, Ricœur confronta também identidade e alteridade e sustenta que a questão da identidade tem “uma dupla vertente, privada e pública”. O autor nos lembra que “uma história de vida se mistura à história de vida de outros” (Ricœur, 2006, p. 118), algo bem verdadeiro na narrativa que se apresenta neste artigo.

Embora Ricœur defenda uma complementaridade, ou mesmo uma reciprocidade entre o explicar e o compreender, quando trabalha hermeneuticamente com a interpretação de textos, no âmbito da comunicação e das narrativas midiáticas – que combinam linguagens e acionam mediações culturais –, a produção de sentido parece se dar mais na chave da compreensão. Se tomamos o espectador como sujeito emancipado e ativo em sua experiência de percepção, o sentido não se limita ao texto, mas se desdobra no contexto em que se encontram os espectadores, em que acontece a circulação das narrativas e os processos de apropriação. Assim, o entendimento visto como compreensão parece corresponder melhor às dinâmicas de interpretação em um plano semântico-pragmático, no tempo-espaço em que acontecem a percepção e a partilha do sensível.

E tal ênfase na compreensão e nos fluxos e mediações comunicacionais nos coloca, uma vez mais, frente à questão ontológica do *si-mesmo* como outro, apresentada por Ricœur, em articulações com o paradigma das mediações proposto por Martín-Barbero. Dessa forma, a discussão semântico-pragmática, matizadas por um complexo de mediações culturais e comunicacionais, projeta-se no plano ético-estético. Segundo o pensador francês:

É no plano ético que o afetar do si pelo outro assume os traços específicos que dizem respeito tanto ao plano propriamente ético quanto ao plano moral marcado pela obrigação. A própria definição de ética que propusemos – bem viver com e para outrem em instituições justas – não é concebível sem que o projeto de bem viver seja afetado pela solicitude ao mesmo tempo exercida e recebida. (Ricœur, 2014, p. 390)

E nesse contexto, Ricœur (2014, p. 391, grifo do autor) nos indaga: “A questão aqui é saber que nova figura da alteridade é convocada por esse afetar do *ipse*

pelo outro; e, por implicação, que dialética entre o Mesmo e o Outro atende ao requisito de uma fenomenologia do si *afetado* pelo outro que não o si”. Esses afetos compartilhados nos processos de comunicação, em movimentos de ir ao encontro do outro, nos levam ao plano da compreensão, da partilha sensível que se dá na esfera do comum, do comunitário. E, mais ainda, a ideia de alteridade nos desafia a pensar o “bem viver”, como praticam e nos ensinam os povos originários, para além de uma lógica antropocêntrica trazida pelos colonizadores e cultivada pelo mercado, na qual a vida humana é compartilhada com outras formas de vida e com a própria natureza de forma sensível.

O *SENSUS COMMUNIS* NO CONTEXTO DE MEDIATEZADAÇÃO DA SOCIEDADE

Na sociedade mediatizada contemporânea, são múltiplos e complexos os mecanismos e possibilidades de interação comunicacional. E, nesse contexto, já não cabe a simples oposição entre mídia e sociedade, presente nas críticas à “indústria cultural”, ou a definição da mídia como mero instrumento das dinâmicas sociais, tomada no plano da infraestrutura. É preciso pensá-la, como já pontuamos, no âmbito da superestrutura. O processo comunicacional não se limita aos trânsitos entre o emissor e o receptor. Como propõe Braga (2006, p. 22), em *A Sociedade Enfrenta Sua Mídia*, para além das instâncias de emissão e recepção existe um “sistema de interações sociais sobre a mídia”, que ele descreve como um terceiro sistema.

Propomos, assim, desenvolver a constatação de *um terceiro sistema de processos midiáticos*, na sociedade, que completa a processualidade de mediatização social geral, fazendo-a efetivamente funcionar como *comunicação*. Esse terceiro sistema corresponde *atividades de resposta* produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos (Braga, 2006, p. 22, grifo do autor).

Trata-se, afirma Braga (2006, p. 27), de um “sistema de interação social sobre a mídia (seus processos e produtos)”, de um “sistema de circulação diferida e difusa”, no qual “os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura”.

Tal concepção, que já havia sido explorada por Eliseo Verón (1971, 2004) entre 1960 e 1970, tem sido trabalhada por vários autores nos últimos anos. Stig Hjarvard (2014), por exemplo, voltou a sua atenção para a mediatização

das instituições, trabalhando o *nível meso* dos processos culturais e sociais. Na Unisinos, um grupo ativo de pesquisadores desdobrou a temática da mediação em articulações teóricas e empíricas. Muniz Sodré trouxe o ser humano para o centro da discussão ao propor a existência de um *bios midiático*, em uma derivação das categorias propostas por Aristóteles como bios sociais, que são nossas esferas existenciais: do conhecimento, do prazer e da política. Sodré propõe a existência de uma quarta esfera – o *bios midiático*. Assim, dá a entender que a mídia não é um mero transmissor de informação, mas uma forma de vida. Para ele:

As práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida, que propomos chamar de bios midiático. Essas práticas – uma espécie de antropotécnica eticista – não esgotam nem sistematizam o problema da vinculação, uma vez que dizem mais respeito propriamente à relação socialmente gerida pelos dispositivos midiáticos e, portanto, do mercado. (Sodré, 2002. p. 233)

E é nesse contexto de mediação da sociedade, de circulação “diferida e difusa” dos produtos da mídia, que se espalham e se entranham nos tecidos sociais, que se dão as disputas simbólicas e se constroem os consensos e dissensos. Na perspectiva das mediações, já discutida neste artigo, essas negociações se dão tanto no plano macro da sociedade, na formação da chamada opinião pública, quanto nos espaços comunitários, nas comunidades de apropriação. Assim, cabe problematizar a ideia de senso comum, presente nos estudos de comunicação e estética, de maneira que se possa compreender as apropriações que se dão nos espaços reais das instituições, dos movimentos e da comunidade. É nessa esfera do cotidiano que as pessoas se conhecem e se reconhecem. Ademais, esse espaço também se estrutura na lógica da mediação – ou das mediações comunicacionais da cultura.

Quando esse reconhecimento e experiência sensível se dão nas relações do cotidiano e da comunidade, dos grupos de apropriação, ocorre mais que um consenso social, mais que o *sensus communis*. Vale pensar as mediações comunicacionais da cultura como lugar de afirmação e reconhecimento, de afetos e saberes produzidos a partir de um “*sensus communalis*”, como nos sugere Herman Parret (1997) em *Estética da Comunicação*. Para ele, “o *sensus communis* é o *sensus* de uma comunidade que [...] não é nem argumentativa nem consensual: Ela é afetiva” (Parret, 1997, p. 197). Daí, então, a sua indagação-provocação: “por que, então, não estetizar o político a partir da ideia de temporalidade essencial da comunidade afetiva?” (Parret, 1997, p. 199).

Nesse contexto dialético, *Ângela Salgueiro Marques* (2011, p. 30) nos interpela:

Não seria a experiência estética também uma experiência problematizadora? As ações de “entregar-se a algo, ser tocado por algo e exercitar algo” não deixariam transparecer uma experiência da ordem da fruição, da transformação e da produção de algo novo? A experiência age, assim, como uma mediação que auxilia os sujeitos a terem acesso a um entendimento produzido sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo em que vivem.

Portanto, como considera a pesquisadora mineira considera que essa experiência, que é de reconhecimento de si-mesmo e do outro, pode ser chamada de estética, porque a percepção de si é marcada por afetos e por uma compreensão do compartilhamento da vida com outros. Como define *Maria Teresa Cruz* (1990, p. 63)², a experiência estética “oferece ao sujeito uma forma de experienciar uma consciência de si e dos horizontes da sua própria experiência do mundo”.

² Foi por meio do texto *A estética da recepção e a crítica da razão impura*, da autora portuguesa (*Cruz*, 1986), estudado nas aulas do doutorado da ECA-USP, que eu tive o primeiro contato com as teses da Escola de Konstanz, que até hoje me ajudam a valorizar a leitura como lugar privilegiado de produção de sentido.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Os aprendizados construídos nos tempos do doutorado, no PPGCOM da ECA-USP, permitiram que eu compreendesse a comunicação como compartilhamento, muito além de transmissão. Como afirmei no texto *Vozes Que Dão Voz* (*Barros*, 2018, p. 185, grifo do autor), “a comunicação em si é interação, é relação de alteridade” e convém, portanto, pensá-la “no sentido do *falar com o outro*, e não no do *falar para o outro*”. Afinal, “essa é a acepção original do termo latino *communicare*, que nos sugere a ideia de partilha, de tornar comum”. E, nessa perspectiva, a relação interacional se afirma no reconhecimento da existência de um Outro que é sujeito, e não apenas objeto de minha ação, e que, mesmo diverso de mim, é meu semelhante, pois carrega em si um Eu. Trata-se, como argumentava, “de um jogo entre ipseidade e alteridade, de um processo que se dá na esfera do comum, dos sentidos partilhados” (*Barros*, 2018, p. 185).

Na linha do que discuti naquele texto, retomo nesta reflexão autobiográfica duas citações de *Paul Ricœur* que tensionam essas dimensões do reconhecimento: a ipseidade e a alteridade. Na primeira, do livro *Percurso do Reconhecimento*, *Ricœur* (2006, p. 165) nos adverte que “a luta pelo reconhecimento se perderia na consciência infeliz se não fosse dada aos humanos a possibilidade de ter acesso a uma experiência efetiva, embora simbólica, de reconhecimento mútuo, com base no modelo do dom cerimonial recíproco”. A segunda, do livro *O Si-Mesmo Como Outro*, aprofunda essa dimensão especular do reconhecimento do Outro

que existe no meu Eu e do Eu que existe no Outro. Para ele, “o outro não está condenado a permanecer um estranho, mas pode tornar-se meu semelhante, a saber, alguém que, como eu, diz ‘eu’” (Ricœur, 2014, p. 390).

Podemos, assim, pensar-fazer comunicação na chave da compreensão e romper com sistemas de negação da diversidade e de aniquilação do diferente, construindo alteridades em tempos de “alterocídio”. Como denuncia Achille Mbembe (2018, p. 27), a constituição do outro não como sujeito “*semelhante a si mesmo*, mas como objeto propriamente ameaçador, do qual é preciso se proteger, desfazer, ou ao qual caberia simplesmente destruir, na impossibilidade de assegurar seu controle total”. Ao falar sobre “o sujeito racial”, o pensador camaronês confronta a cultura de ódio que marca nossos tempos. Tempos nos quais, infelizmente, a incomunicação é predominante e disputa espaço com uma comunicação anestesiante, na qual sujeitos não se reconhecem.

Se pensarmos e praticarmos a comunicação como experiência estética, na perspectiva de interação, podemos nos reconhecer como sujeitos diversos e, ao mesmo tempo, semelhantes ou similares. É nesta perspectiva que a partilha sensível destas linhas se dá. (Co)Memorar é algo que nos constitui coletivamente. Relembrar é também ação de resistência e (re)existência. É oportunidade de nos reconhecermos em projetos comuns a muitos, como é o caso do PPGCOM da ECA-USP. ■

REFERÊNCIAS

- Barros, L. M. (2014a). A questão da experiência estética nos debates de epistemologia da comunicação. *Questões Transversais*, 2(3), 2-11.
- Barros, L. M. (2014b). Por uma práxis da comunicação na formação de um comunicador comunicólogo. *Comunicação & Sociedade*, 36(1), 133-155. <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v36n1p133-155>
- Barros, L. M. (2017). Comunicação sem anestesia. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40(1), 159-175. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201719>
- Barros, L. M. (2018). Vozes que dão voz: Mobilização, reconhecimento e alteridade na web. In M. R. Silva, C. M. C. Mendonça, C. A. Carvalho, J. E. O. Menezes, & M. G. P. Coelho (Orgs.), *Mobilidade, espacialidades e alteridades* (pp. 185-199). Edufba.
- Barros, L. M. (2019a). Experiencia estética y experiencia poética: La producción de sentidos en la cultura mediatizada. *Revista Iberoamericana de Comunicación*, (37), 131-148.
- Barros, L. M. (2019b). Mediações culturais na comunicação e experiência estética como estruturas de reconhecimento. In M. J. Baldessar, D. I. Monje (Orgs.), *Diálogos latino-americanos: Colóquios Brasil-Argentina* (pp. 35-50). Intercom.

- Barros, L. M. (2020). O “percurso do reconhecimento” para tempos de ódio: *Estesia e produção de sentidos em Paul Ricœur* [Apresentação de trabalho]. XV Congresso da Associação Latino-americana de Pesquisadores em Comunicação, Medellín, Colômbia.
- Braga, J. L. (2006). *A sociedade enfrenta a sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática*. Paulus.
- Cruz, M. T. (1986). A estética da recepção e a crítica da razão impura. *Revista Comunicação e Linguagens*, 1(3), 67-75.
- Cruz, M. T. (1990). Experiência estética e esteticização da experiência. *Revista de Comunicação e Linguagens*, (12/13), 57-65.
- Escosteguy, A. C. D. (2018). Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: Mais afinidades do que disputas. *MATRIZes*, 12(1), 99-113. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p99-113>
- Girardi Júnior, L. (2018). De mediações em mediações: A questão da “tecnicidade” em Martín-Barbero. *MATRIZes*, 12(1), 155-172. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p155-172>
- Hjarvard, S. (2014). Mídiação: Conceituando a mudança social e cultural. *MATRIZes*, 8(1), 21-44. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44>
- Ianni, O. (2000). *Enigmas da modernidade-mundo*. Civilização Brasileira
- Lévinas, E. (1993). *Humanismo do outro homem*. Vozes.
- Lopes, M. I. V. (2014). Mediação e recepção: Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZes*, 8(1), 65-80. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p65-80>
- Lopes, M. I. V. (2018). A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZes*, 12(1), 39-63. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>
- Marques, A. (2011). Comunicação, estética e política: A partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. *Galáxia*, (22), 25-39.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. G. Gili.
- Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Loyola.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. n-1.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.
- Orozco Gómez, G. (2005). O telespectador frente à televisão: Uma exploração do processo de recepção televisiva. *Communicare*, 5(1), 27-42.
- Parret, H. (1997). *A estética da comunicação: Além da pragmática*. Editora Unicamp.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: Estética e política*. Editora 34.
- Rancière, J. (2012). *O espectador emancipado*. WMF Martins Fontes.

- Rancière, J. (2015). *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Autêntica.
- Ricœur, P. (1988). L'identité narrative. *Esprit*, (7/8), 295-304.
- Ricœur, P. (1991). *Do texto à acção: Ensaio de hermenêutica II*. Rés.
- Ricœur, P. (2006). *Percurso do reconhecimento*. Loyola.
- Ricœur, P. (2010). *Tempo e narrativa*. WMF Martins Fontes.
- Ricœur, P. (2014). *O si-mesmo como outro*. WMF Martins Fontes.
- Silva, G. (2012). Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiatização? In M. A. Mattos, J. Janotti Jr., & N. Jacks (Orgs.), *Mediação & midiatização* (pp. 107-122). Edufba.
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes.
- Sodré, M. (2006). *As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política*. Vozes.
- Verón, E., Prieto, L. J., Ekman, P., Friesen, W. V., Sluzki, C. E., & Masotta, O. (1971). *Lenguaje y comunicación social*. Nueva Visión.
- Verón, E. (2004). *Fragmentos de um tecido*. Unisinos.

Artigo recebido em 09 de Novembro de 2022 e aprovado em 16 de Novembro de 2022.

